O desenvolvimento da criatividade na música sob a ótica da psicologia histórico-cultural: contribuições para a educação musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Rafael Beling
Unicamp – rafaelbeling@gmail.com

Silvia Cordeiro Nassif
Unicamp – scnassif@gmail.com

Resumo: Busca-se, neste trabalho, tematizar a questão da criatividade na música, tendo um olhar específico para a educação musical. Partindo dos fundamentos da psicologia histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores, objetiva-se uma compreensão teórica do surgimento e do desenvolvimento da criatividade no ser humano, estabelecendo vínculos com o desenvolvimento da criatividade na música. Dessa forma, como base nos pressupostos teóricos apontados pela psicologia em questão, serão apresentados possíveis caminhos para o trabalho com criação musical na escola regular, por exemplo. Trata-se de um trabalho de natureza teórica, que busca trazer as contribuições da psicologia para a prática criativa em educação musical.

Palavras-chave: Criação musical. Educação musical. Psicologia histórico-cultural.

The development of creativity in music from the perspective of historical-cultural psychology: contributions to music education

Abstract: In this work, the theme of creativity in music is studied, with a specific look at music education. Starting from the foundations of the historical-cultural psychology of Vygotsky and his collaborators, a theoretical understanding of the emergence and development of the creativity in the human being, establishing bonds with the development of the creativity in the music is objectified. Thus, based on the theoretical assumptions pointed out by the psychology in question, possible paths will be presented for work with musical creation in regular school, for example. It is a work of theoretical nature, which seeks to bring the contributions of psychology to the creative practice in music education.

Keywords: Musical creation. Musical education. Historical-cultural psychology

1. Criação musical: para além das aparências imediatas

Ao contrário de outros trabalhos, que buscam sistematizar e/ou relatar atividades e propostas práticas com criação musical no âmbito da educação musical, o objetivo desse texto é apresentar considerações teóricas sobre o desenvolvimento da potencialidade criativa humana e o quanto ela se radica no campo da música[1]. Como um recorte de nossa dissertação de mestrado, esse trabalho se propõe a demonstrar como os fundamentos da psicologia histórico-cultural de Vigotski[2] podem trazer caminhos e possibilidades promissoras para o campo da educação musical, em especial para o trabalho com criação musical.

A primeira ideia que julgamos ser importante para nossa discussão é a de que a questão da criação musical deve ser compreendida para além de suas aparências imediatas. É

de extrema importância que nossa consciência acerca do mundo objetivo seja cada vez mais pautada numa concepção aprofundada da realidade e não apenas em antigos ideais respaldados em argumentos fracos e improváveis.

A criação, de modo geral, tem sido atrelada ao divino desde os tempos mais antigos: "no princípio criou Deus os céus e a terra"[3] . Durantes séculos o homem do mundo ocidental atribuiu toda e qualquer potencialidade criativa ao mundo metafísico, compreendendo a criação – e mesmo a capacidade de criar – como uma dádiva ou um dom, que, quase sempre, é entendido como algo pertencente a poucos. Essa herança cultural chega aos dias de hoje ainda com muita força e, principalmente entre o senso comum, a ideia de que a capacidade de criar é algo místico mantém-se presente no ideário de muitas pessoas, principalmente quando lidamos com o campo da arte.

Sim, é preciso dizer que, embora tenhamos obtido avanços notáveis na forma de se pensar o processo criativo humano, os fetiches sobre a questão da criação no campo da arte continuam ainda muito arraigados. Não parece fácil aceitar que Michelangelo não tenha sido tomado por um espírito sobrenatural quando esculpia Pietà, em 1497, ou Moisés, quando trabalhava no túmulo de Júlio II. Segue, assim, a ideia de que, para criar, é necessário ter um talento especial. Na música isso também pode ser visto com frequência. Não muito raro o compositor, por exemplo, é entendido com um criador nato; munido de uma capacidade anormal de materializar suas ideias através dos sons.

Importa-nos, todavia, rever tais concepções sobre a ação criadora na vida humana. É necessário entender a criatividade como uma atividade própria ao ser humano, não como algo natural ou inato, mas como resultado da constante busca por conhecer o mundo objetivo e real que nos cerca. A criatividade tendo que ser compreendida, portanto, como um aparato potencial aos homens, conquistado e desenvolvido no seio da vida gregária e não como um atributo "divino", ou algum tipo de "dom" conferido a apenas alguns indivíduos.

2. O desenvolvimento social da criatividade humana

Segundo Vygotski (1995; 1997; 2001), o desenvolvimento de todas as capacidades psíquicas humanas se dá no seio da vida cultural e social. Logo, todos os atributos e características que nos diferem dos demais animais são alcançadas pelo processo de humanização, e advem das codições educacionais – no mais amplo sentido do termo. A criatividade não foge a essa regra. Como um dos atributos da função psíquica Imaginação[4], o desenvolvimento da capacidade criativa humana mantêm relações diretas as com codições de desenvolvimento dos indivíduos. Dessa forma, a criatividade – que é uma *potencialidade*

humana – só pode se desenvolver nas pessoas mediante uma relação que é mediada pela cultura humana.

Pois bem, Vigotski aborda o tema criação em alguns de seus textos. Falando especificamente sobre imaginação e criação encontramos, por exemplo, a conferência A imaginação e seu desenvolvimento na infância (VIGOTSKI, 1998) e o livro intitulado Imaginação e criação na infância (VIGOTSKI, 2009). Nesse segundo, contrapondo-se às concepções de distintas correntes da psicologia a respeito dessa temática, o autor elenca pontos de vista teóricos para uma forma diferente de se pensar o desenvolvimento das funções imaginativas e criativas do homem.

Vigotski também se opõe à psicologia intuitiva ou idealista, a qual, segundo ele, transforma o problema em postulado; ao invés de explicarem como na consciência se origina a atividade criativa, os idealistas afirmam ser a imaginação criadora uma propriedade primária – quer dizer, existente desde o nascimento – da consciência. Esse princípio, segundo o autor, acaba gerando um novo problema: como explicar o surgimento da imaginação ao longo do processo de desenvolvimento histórico do homem?

Outra questão que parece não encontrar resposta nessa concepção psicológica é a natureza da imaginação. Numa análise dos trabalhos piagetianos sobre a imaginação, que se baseiam, sobretudo, em Freud, Vigotski afirma: “esses autores consideram a imaginação, em suas formas primárias, como uma atividade subconsciente, como uma atividade que não serve ao conhecimento da realidade, mas à obtenção de prazer, como uma atividade não-social, de caráter não-comunicável” (1998, p. 118).

Em seu trabalho Imaginação e criação na infância (2009), Vigotski apresenta de modo mais aprofundado as questões tratadas na conferência. Destacam-se nesse texto dois aspectos importantes que interessam a esta pesquisa. O primeiro deles seria a atividade criativa ou imaginativa da criança que acontece com base em suas experiências concretas de vida e não a partir de elementos dados a priori; e segundo, o papel da escola, do educador, da cultura, no desenvolvimento desse processo.

Tratando com um pouco mais de atenção esse segundo aspecto exposto por Vigotski – o papel da escola, do educador, da cultura, no desenvolvimento dos processos de imaginação e criação –, podemos dizer que, na concepção da psicologia histórico-cultural, “a imaginação conquista suas propriedades graças aos vínculos com a linguagem, isto é, no processo de comunicação entre os indivíduos, encontrando na atividade social, coletiva, a condição de sua emergência” (MARTINS, 2013, p. 235). Segundo o autor russo:

> A investigação tem mostrado que não só a linguagem, mas a vida ulterior da criança serve ao desenvolvimento de sua imaginação; semelhante papel o desempenha, por exemplo, a escola, onde a criança pode pensar minuciosamente algo em forma imaginária, antes de levá-lo a cabo. Isso constitui, indiscutivelmente, a base de que precisamente durante a idade escolar se estabeleçam as formas primárias da capacidade de sonhar no sentido próprio da palavra (VYGOTSKI, 2001, p.433).

Essa citação de Vigotski nos direciona a dois pontos cruciais de nosso objeto de estudo: primeiro, a importância das relações sociais no desenvolvimento dos processos de imaginação e criação, e segundo, o papel que a escola, como ambiente de ensino sistematizado, tem nesse processo. Ambas as assertivas giram em torno de um aspecto fulcral à psicologia histórico-cultural, as relações sociais, a aquisição de cultura e a construção da imagem subjetiva da realidade a partir das experiências que nos são alheias. Assim, de maneira sintética, poderíamos dizer que existe uma estreita conexão entre os processos de criação e a experiência prévia; informação de grande valia à questão da criação musical.

3. O desenvolvimento social da criação musical

Tento em mente quais são os princípios que a psicologia histórico-cultural nos aponta para o desenvolvimento da criatividade humana, é possível fazer inferências dessas ideias no campo da música. Pois, se partimos da ideia de que a critividade não é uma propriedade primária da consciência humana, mas sim o fruto de um processo de desenvolvimento social de cada indivíduo, é preciso reconhecer que a ação pedagógica da professora ou do professor numa escola regular, por exemplo, é de grande importância. Em consonância com a proposta apresentada no início desse trabalho, passaremos à apresentação de possíveis caminhos para o trabalho com criação musical na educação musical. As ideias que iremos apresentar são, como mencionado, uma forma de apropriação das teses da psicologia vigotskiana para a educação musical. Vale ressaltar que não haverá espaço para desenvolver com profundidade as inferências que iremos apontar mais adiante, e que as ideias serão apresentadas, destarte, de maneira bastante sucinta.

Umas das ideias que pensamos ser relevantes para que se possa ter um olhar menos imediato para questão da criativiade na música se refere à suposta superioridade da criatividade infantil. Muito recorrente em nosso tempo é a ideia de que as crianças são munidas de uma capacidade criativa muito superior à dos adultos. É como se os pequeninos, durante um curto tempo de sua vida, estivessem livres da rude monotonia que existe na rotina adulta, tendo, assim, muito mais possibilidades de expressar suas ideias. Embora essa visão

seja encontrada também entre o ideário do senso comum, é preciso dizer que, via de regra, ela é muito mais difundida no campo acadêmico. Essa ideia tem ganhado cada vez mais espaço na música, sobretudo nas temáticas específicas da educação musical. Numa aula de musicalização, por exemplo, é comum ver as primeiras interpretações ou composições das crianças sendo tidas como grandes demonstrações de criatividades – mesmo que se faça uso de elementos extremamente rudimentares. As perguntas que nos fazemos são as seguintes: será que isso é realmente um fato? As crianças são mais criativas do que os adultos? Será que a vida adulta oblitera a criatividade? Tornamo-nos menos criativos quando nos desenvolvemos intelectualmente?

É preciso dizer que os fundamentos da psicologia histórico-cultural estão em total dissonância com essa concepção acerca da suposta capacidade criativa infantil. Contrapor o desenvolvimento da criatividade com o processo de desenvolvimento das demais funções psíquicas humanas seria um grande equívoco. Como afirma o próprio Vigotski,

> essa afirmação não reside em exame científico, pois sabemos que a experiência da criança é muito mais pobre do que a do adulto. Sabemos também que seus interesses são mais simples, mais pobres, mais elementares; [...] A imaginação na criança, como se deduz claramente de tudo isso não é mais rica, mas mais pobre do que a do adulto. No processo de desenvolvimento da criança se desenvolve também a sua imaginação, que alcança sua maturidade só na idade adulta (VIGOTSKI, 2003, p. 40).

Dessa forma, fica evidente que, à luz da psicologia histórico-cultural, a ideia de que as crianças seriam mais criativas é fruto de uma concepção errônea na interpretação do processo de desenvolvimento humano. Se assim o fosse, a função psíquica imaginação seria a única função portadora de um caráter involutivo. Ou seja, enquanto as demais funções humanas – sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento – caminham para um gradativo processo evolutivo, a imaginação iria sendo perdida ao longo do processo de formação dos indivíduos; uma concepção que, logicamente, não pode manter-se.

É preciso compreender o desenvolvimento da criatividade como um processo inteiramente ligado a toda a trajetória de formação de cada pessoa. Ao invés de entendermos as crianças como seres altamente criativos, precisamos compreender que a maioria de suas produções é, em verdade, uma demonstração de sua ignorância. É justamente por ignorarem a realidade objetiva que as cercam que as crianças são capazes de imaginarem o logicamente inimaginável. Quando uma criança diz, desenha ou executa algo incompreensível pela razão, ela está demonstrando o quanto o conhecimento da realidade objetiva ainda lhe é alheio.

Vigotski aborda a relação entre imaginação e linguagem para exemplificar essa questão. O autor russo demonstra a importância da linguagem no desenvolvimento da imaginação, dando o exemplo de que as crianças que têm problemas de linguagem têm, de forma geral, uma imaginação muito mais debilitada. Segundo Vigotski, "a linguagem libera a criança das suas impressões imediatas sobre o objeto" (VYGOTSKI, 2001, 432-433), fazendo com que elas alcancem, assim, a ampliação de sua capacidade imaginativa.

Todos esses argumentos pretendem convencer de que a imaginação infantil não é, de maneira alguma, superior à dos adultos. Embora existam adultos pouco imaginativos, é importante lembrar que essa fatalidade advém de uma série de fatores psíquicos, educacionais, motivacionais etc., e não de uma suposta perda criativa característica da fase adulta. Dessa forma, a maneira que é própria à infância de lidar com as inúmeras facetas do mundo objetivo não pode ser tomada como uma atitude criativa, mas sim como a de um indivíduo que está em um processo de liberação de suas impressões imediatas do mundo concreto (VYGOTSKI, 2001)[5].

Outro ponto que tanto nos parece importante mencionar nesse texto é que o trabalho com criação musical não pode se restringir a apenas um momento, mas, pelo contrário, deve ser uma tipo de concepção de aula. Embora o tema da criação musical demande, ainda, muitas discussões e amadurecimentos, a ideia de que práticas criativas no ensino de música devem estar presentes na atuação educativa tem se tornado cada vez mais difundida e incorporada por profissionais da educação musical na escola regular. Entretanto, temos notado que é recorrente no discurso de alguns professores de música a ideia de que a criação deve estar presente como um momento nas aulas de música. Segundo essa ideia, deve haver um espaço para a criação; um momento para que ela possa se desenvolver e aflorar no aluno. A título de exemplo, poderíamos imaginar uma aula de piano com duração de 50 minutos, na qual o professor reserva sempre os últimos 10 minutos para o trabalho com criação, enquanto nos outros 40 não se sensibiliza a qualquer tipo de novas possibilidades criativas por parte do aluno.

Se partirmos do pressuposto defendido por Vigotski (2009), de que o desenvolvimento da imaginação e da criação é resultado de um agregar de inúmeros fatores, notaremos que o fato de reservarmos apenas uma pequena parte de nossas aulas ou de nossas práticas educativas para a criação pode representar uma séria redução. Se entendermos o psiquismo humano como um sistema funcional que se relaciona reciprocamente (MARTINS, 2013), devemos entender, também, que o trabalho com criação musical não deve se restringir a ser apenas uma parte da aula, mas, pelo contrário, ser uma espécie de concepção de aula.

Uma atitude de abertura à criatividade deve permear toda a prática docente do professor, e ele deve estar atento a quaisquer possibilidades para desenvolver uma prática criativa.

Essa atitude de abertura em relação às muitas possibilidades de manifestação da criação demanda uma compreensão ampla por parte dos profissionais que desejam desenvolver um trabalho criativo em música. A formação teórica musical é de altíssima relevância nesse processo. Pois, apesar de a teoria, por si só, não ser capaz de exercer qualquer tipo de alteração, ela se presta a fornecer subsídios para aqueles que almejam uma transformação da realidade na qual estão inseridos. O desenvolvimento da imaginação e da capacidade criadora a ela vinculada deve ser analisado como um amplo e complexo sistema funcional, no qual todas as funções psíquicas humanas se relacionam reciprocamente. Quando lidamos a com inspiração, é preciso saber que todo o equipamento psíquico humano está sendo utilizado, e isso implica dizer que, ao trabalhar com criatividade, tocamos também na esfera da linguagem, do pensamento, das emoções etc. Como afirma Ignatiev, citado por Martins (IGNATIEV apud MARTINS, 2013, p. 232), “a inspiração é a tensão máxima de todas as forças psíquicas do homem” .

Analisar o desenvolvimento da criação musical à luz de todo esse contexto é uma tarefa desafiadora e que requererá a constante observação em busca de possíveis condições de surgimento da criação. Mesmo tendo apontado todos os elementos que se presenciam nos itens anteriores, é preciso estar aberto a todos os tipos de manifestações que possam, mesmo que de forma indireta, ser a possibilidade do trabalho com criação. Não há, como dito antes, um momento específico para a criação. Justamente por esse motivo, nossa atuação docente deveria se sensibilizar pela busca de uma concepção de aula que pudesse ser, ao menos de alguma forma, aberta à criatividade.

É importante que o professor faça com que sua aula seja permeada por uma áurea criativa, para que todas as oportunidades de trabalho com a criatividade sejam aproveitadas. É claro que o professor não deve contentar-se apenas com a prática espontânea apresentada pelos alunos. Ao educador cabe o papel de instruir, elevar qualitativamente o nível da criação dos alunos. Esse é seu papel. Isso, no entanto, precisa ser feito sempre com sensibilidade e abertura à criação. Sobre o professor repousa a tarefa de se preparar para que sua atuação docente em música tenha a criação não apenas como um momento isolado, mas sim como toda uma concepção de aula.

Essas ideias são, naturalmente, apenas instrodutórias e se costituem como um demonstrativo das múltiplas reflexões as quais podemos cherar à luz do referencial vigotskiano. Esperamos que em outros trabalhos possamos desenvolver esses e outros temas

com mais profundidade. A despeito disso, pensamos que os itens apresentadas acima já são um demonstrativo da constribuição que buscamos trazer para a educação musical.

Referências:

FOGAÇA, Vilma de Oliveira Silva. Criatividade e Educação Musical: do problema à pesquisa e a ação. In: ANAIS DO V SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 2009, Goiânia. *Anais*...UFG, 2009, p. 375-389.

NEDER, Alvaro. "Permita-me que o apresente a si mesmo": o papel da afetividade para o desenvolvimento da criatividade na educação musical informal da comunidade jazzística. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 27, p. 92-104, jan/jun. 2012.

MARTINS, Lígia Marcia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:* contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Psicologia Pedagógica.* Porto Alegre, Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Imaginação e criação da infância:* ensaios psicológicos – Livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A imaginação e seu desenvolvimento na infância. In: _____. *O desenvolvimento psicológico na infância.* São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 107-130.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. *Obras escogidas.* Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. *Obras escogidas.* Tomo I. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. *Obras escogidas.* Tomo II. Madrid: Visor, 2001.

[1] Conferir, por exemplo, Fogaça (2009) e Neder (2008).
[2] Adotaremos a grafia *Vigotski*, exceto em citações, nas quais reproduziremos a forma presente na obra referida.
[3] (GN1:1).
[4] Para Vigotski (2009) a criatividade seria um dos atributos da função psíquica Imaginação. Assim, a criatividade não seria ela própria uma função psíquica do ser humano, mas sim uma capacidade que surge com base na possibilidade imaginativa. Para se compreender essa equação, basta atentar ao fato de que a criação é um fruto da criatividade. De igual modo, só criamos, porque nossa imaginação nos permite a elaboração e materialização do novo.
[5] Naturalmente não queremos permitir que essa forma de interpretar a imaginação infantil seja entendida como uma maneira de desmerecer o trabalho infantil. Em primeiro lugar, é preciso dizer que, por mais inconcebível que seja determinada criação infantil, ela é fruto de uma trabalhosa tentativa de compreender a realidade concreta que a cerca. É preciso reconhecer esse esforço e buscar, por meio de uma ação educadora, incentivar, promover e enriquecer as possibilidades para que a capacidade criativa das crianças continue a se desenvolver. Importa-nos compreender, contudo, que todas as possibilidades criativas de uma criança se subjugam à qualidade e às características de seu processo social e histórico de desenvolvimento. O bom andamento dos diferentes estágios do processo de desenvolvimento da imaginação humana atrela-se, dessa forma, a toda a trajetória de formação dos indivíduos, vinculando-se àquilo que receberam ou deixaram de receber.